

INTERTECENDO O CONCEITO ADOLESCÊNCIA NA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla¹

Doutorando em Ciência de Comunicação - Universidade do Vale dos Sinos

O artigo objetiva estabelecer um tensionamento empírico que possibilitará intertecer o conceito de adolescência enquanto sujeito sócio histórico na sociedade angolana em midiaticização. Na sociedade em midiaticização as práticas sociais podem permitir a definição dos sujeitos, a renovação de identidade e a constituição de suas subjetividades devido às lógicas de afetações, representações, assimilações, imitações e apropriações dos fluxos discursivos dos conteúdos midiático. A hipótese do artigo é de que, talvez na interação com estas lógicas, os contratos e gramáticas próprias dos processos midiáticos, os adolescentes se desloquem de posição e atravessando as zonas potencializadoras denominada de “zona de indeterminação” (Fausto Neto, 2010) se convertam em protagonistas do fazer midiático, findo o conflito armado angolano. Angola, aderiu às políticas de desenvolvimento sócio técnico em quase todos os setores e os campos sociais passaram a incorporar práticas próprias de uma sociedade em vias de midiaticização. Portanto, o pesquisador, acredita que falar do conceito de adolescência exija repensá-lo dentro do seu contexto sócio, histórico, cultural e das suas representações mentais na interação social. E, a partir dessa interação social o indivíduo possa internalizar os mecanismos através de uma reconstrução interna de informações, conceitos e significados dos sistemas simbólicos e passe a reconstruir e reinterpretar os novos modos individuais de inserção em uma dada cultura. Portanto, pensa-se que, numa tensão empírica do contexto sócio histórico e cultural, levando-se em conta os circuitos e fluxos circulatórios da cultura midiática nas interações entre os campos sociais e as práticas sociais angolanas, seja possível intertecer conceito adolescência em Angola.

Palavras-Chave: adolescência. angola. subjetividade. circulação midiática.

INTERTECTING THE CONCEPT ADOLESCENCE IN THE MIDI-CIRCULATION

The article aims to establish an empirical tensioning that will make it possible to intertwine the concept of adolescence as a historical partner subject in Angolan society in mediatization. In society in mediatization social practices can allow the definition of subjects, the renewal of identity and the constitution of their subjectivities due to the logics of affections, representations, assimilations, imitations and appropriations of the discursive flows of the mediatic contents. The hypothesis of the article is that, in the interaction with these logics, the contracts and grammars characteristic of the mediatic processes, the adolescents move from position and through the zones of potentialization called "zone of indetermination" (Fausto Neto, 2010) in the protagonists of the media making, ending the Angolan armed conflict. Angola, adhered to the policies of socio-technical development in almost all sectors and the social fields began to incorporate practices of a society in the process of mediatization. Therefore, the researcher believes that

¹ É natural de Benguela, Angola, nascido aos 25/12/73, ordenado sacerdote aos 6/08/2000. Possui graduação em Filosofia (1995), em Teologia (SMBPB 1999) e bacharelato em Comunicação Social – RTV (FATEA, 2009). Pós-graduação em Psicopedagogia e Psicomotricidade (UNISAL 2009), Mestre em Ciências de Educação (UNISUL 2012) Especialização em Psicanálise (IEB, 2014), doutorando em Psicologia (UCES – Buenos Aires - desde 2012) e atualmente é doutorando em Ciência da Comunicação UNISINOS).

talking about the concept of adolescence requires rethinking it within its socio-historical, cultural context and its mental representations in social interaction. And from this social interaction the individual can internalize the mechanisms through an internal reconstruction of information, concepts and meanings of the symbolic systems and begins to reconstruct and reinterpret the new individual modes of insertion in a given culture. Therefore, it is thought that, in an empirical tension of the socio-historical and cultural context, taking into account the circuits and circulatory flows of the media culture in the interactions between the social fields and the Angolan social practices, it is possible to intercept concept adolescence in Angola.

Keywords: adolescence. Angola. socio-technical-mediatic devices. subjectivity. media circulation.

1 – Contextualização sócio histórico e cultural da República de Angola: Falar do conceito de adolescência em Angola, exija repensá-lo dentro do seu contexto sócio, histórico, cultural e das suas representações mentais na interação social. A título introdutório, Hugo Silva (2016), afirma que terminado o conflito armado angolano e com o surgimento da Internet e a inovação midiática global, da convergência e comunicação em rede, esta camada população maioritariamente jovem, aderiu às políticas de desenvolvimento e do domínio dos aparatos sócio técnicos em quase todos os setores e os campos sociais dos meios de Comunicação de Massa (MCM). Nesta perspectiva, ao tentar conceituar a adolescência no contexto angolano, país em ascensão pretendemos concordar com autores Gomes (2006), Fausto Neto (2008), Mata (1999), Martín-Barbero (1997 e Rodrigues (2000) quando afirmam que as sociedades atuais, com o surgimento da Internet estão enfrentando um processo de travessia e de mutuas afetações. Objetiva-se entender o sujeito adolescentes levando-se em consideração as tensões e interações sociais, os “circuitos e fluxos adiante (Braga, 2012) cuja gramática arquitetônica é demarcado pelo fim do conflito armado angolano em 2002. Estamos tentando estabelecer uma interface e traçar um percurso, cujos desdobramentos vão desde o fim da guerra civil em Angola (2002) passando para a configuração da “Sociedade dos Meios” através da instalação de empresas de tecnologias da Informação de Comunicação (TIC’s), da disponibilização dos serviços de telefonia móvel, internet da banda Larga e TVCABO num período cronológico que vai de 1990 e atinge o ponto mais alto em 2006.

Esta nova fase possibilita, na sociedade angolana, a emergência de uma nova ambiência que permite os deslocamentos dos campos e das práticas sociais dos seus lugares tradicionais, dos novos modos ser dos sujeitos (Gomes, 2006, p.126) e de interação com a realidade social. Trata-se, concomitantemente, daquela ambiência na qual são oportunizadas inúmeras outras competências e possibilidades de percepção e recepção (fenómenos = realidade), de acesso aos

conteúdos (produtos = consumo) e interações entre atores sociais ou inter-agentes (Rosa; Ferreira, 2011) (emissores e receptores, produtores e consumidores = mobilidade).

Redesenha-se aqui uma ambiência triádica interacional organizada, agenciada e dinamizada pelas lógicas e gramáticas sócio-técnicas discursivas e semióticas dos meios que, por sua vez, estabelecem “zonas de interpenetração” (Luhmann, 2005) ou de “zona de contatos” (Fausto Neto, 2010). Ou seja, estamos falando do que Fausto Neto ousou chamar da “cultura midiática (2008, p. 93) na sociedade angolana, através dos processos de integração sócio tecnológica. Este processo integrativo potencializa a sociedade angolana emigração para a sociedade midiaticizada e incorpora os indivíduos na esfera de consumo de produtos midiáticos e, conseqüentemente pelas competências técnicas, na de produção. Estes sujeitos na interação com os objetos podem constituir uma terceira esfera: a dos atores sociais que fazem a reelaboração e a ressignificação dos objetos (reprodução) dando-lhes novos sentidos e significados, assumindo-se como verdadeiros atores sociais.

Sob o ponto de vista dedutivo, na sociedade em midiatização as práticas sociais talvez permitam a definição dos sujeitos, a constituição de suas subjetividade e identidades devido às lógicas de afetações, representações, assimilações, imitações e apropriações dos fluxos discursivos dos conteúdos por meio de permutas que vão da esfera privada para a pública num movimento de idas e vindas (Braga, 2012). Ou seja, na interação com as lógicas, contratos e gramáticas próprias dos processos midiáticos, os adolescentes se deslocam de posição e atravessando as zonas potencializadoras denominada de “zona de indeterminação” (Fausto Neto, 2010) se convertam em protagonistas do fazer midiático e constituam significativa e representativamente como projeto do fazer midiático. Haja visto que “a constituição de um sujeito pode se dar a partir da sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética” (Bock 2004, p. 69). Trata-se, portanto daqueles “sujeitos da ação social com possibilidades de interferir nas estruturas sócio históricas e culturais ao manifestar a vontade de agir e de ser reconhecido como tal” (Touraine, 1994, p. 220).

A hipótese deste artigo é de que, talvez como nas sociedades em midiatização, na interação tecnológica e do consumo dos produtos da cultura midiática, os adolescentes angolanos atravessados pelas lógicas e pelas gramáticas sócio-técnicas discursivas “dos meios de comunicação” (Gomes, 2016, p. 126) possam internalizar os mecanismos transformadores e operacionalizadores implicados nos processos de reorganização, e reconfiguração dos objetos na sociedade em midiatização. E, assumindo-se como atores sociais nas arenas e disputas midiáticas

eles possam assumir marcos fundantes na construção de suas próprias identidades e considera-los como expressão de suas subjetividades. Assim, se observe em seus comportamentos e discursos, novos conceitos, novas teorias e novos significados na interpretação da realidade social diferentes dos sistemas simbólicos tradicionais. E com estas ferramentas talvez possam pretear possibilidades de construção de o novo modo de ser no mundo (Gomes, 2016, p.125) configurando-se uma nova identidade social.

É nestes meandros que empiricamente se pretende entender o conceito de adolescência em Angola. Isto implica na visão de Leontief (1979), acreditar no pressuposto de que o psiquismo humano se desenvolva por meio de processos de inserção na cultura, pelas relações e práticas sociais que transitam entre as esferas privadas e públicas por meio de consumo, representações, apropriações, reproduções e compartilhamentos. Portanto, pode-se inferir que a constituição da subjetividade humana talvez resulte do processo de síntese dialética para o qual concorram as condições objetivas e subjetivas de existência na sociedade em midiatização.

Portanto, em meio a estas três esferas, o objetivo desta abordagem configura-se como processo tentativo de estabelecer um percurso tensional que permita construir o conceito de adolescência na sociedade angolana em vias de midiatização. E pretende responder a seguinte pergunta: os adolescentes angolanos uma vez atravessados pelas lógicas e gramáticas dos circuitos e fluxos interacionais das três esferas e perante as distintas ofertas das instituições midiáticas canônicas, que representações fazem sobre o que circula na mídia canônica e sobre si mesmos, enquanto sujeitos interagentes?

2 – A constituição do sujeito na concepção sócio-histórica: Este tópico augura-se como tentativa de buscar percepções sobre a constituição da subjetividade dos indivíduos à luz da concepção sócio-histórica sustentados pelos aportes de Vygotsky (1983). Para este autor, o desenvolvimento das diversas funções mentais superiores do sujeito (planejamento, memória voluntária, imaginação) ocorre pelas constantes interações que os sujeitos estabelecem com o habitat, sob dois planos no desenvolvimento cultural do indivíduo: a) plano social (interpsíquica), b) conteúdos psicológicos (intrapíquica). Para Vygotsky os fatores biológicos predominam somente no início da vida, sobre os sociais no desenvolvimento dos seres humanos. À medida em que os sujeitos interagem com os diversos campos, práticas social e objetos, a sua cultura passam a governar os seus desenvolvimentos e o comportamentos.

A partir da visão deste autor, pode-se afirmar que as funções psíquicas dos sujeitos tenham sua origem nos processos interacionais sociais e o “desenvolvimento psíquico seja o resultado da

ação da sociedade sobre os indivíduos para integrá-los na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social (Pino, 1991, p. 34). E então, o desenvolvimento humano passa a ser compreendido como um processo dinâmico mediado social e culturalmente. Ou seja, um processo de evolução do indivíduo produzido pelo cruzamento de diversos fatores e interações dos aspectos orgânico-naturais (internos) com os sócio-culturais (externos) “num complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação” (Vygotsky, 1983, p. 141).

Na perspectiva deste autor desenvolvimento humano configura-se como processos de aprendizagem construídos pela interação do sujeito com um outro da sua espécie:

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (Vygotsky, 1994, p. 118).

Trata-se de um processo que tem o seu início no período marcado pelas experiências e vivências imediatas, marcadas pelas palavras geradoras (Freire (1987, p. 6) anteriores ao processo da escolarização do indivíduo. Assim, mediante diversas interações vivenciais com os familiares e colegas, o indivíduo (criança) desenvolve e constrói a sua consciência histórica da realidade a partir dos conceitos cotidianos (Vygotsky, 2000). Relendo a formulação que este autor faz sobre a formação da Oliveira (1992) chega a conclusão de que para Vygotsky a consciência é histórica e social, na medida em que “é imposta aos seres humanos através da participação em práticas sócio-culturais” (Oliveira, 1992, p.78). Isso quer dizer que o indivíduo a abertura às interações interpessoais dialógicas, dialética e pela experiência sócio-histórica apreende, percebe e capta a realidade externa a adquirindo durante os fluxos discursivos e circulatórios e vai atribuindo novos significados e reconstruindo internamente novos conceitos antes existentes fora dele.

Relendo Vygotsky, pela internalização das práticas sócio-culturais e nas relações interpessoais, mediadas pelo sistema simbólico a consciência do homem se constitui subjetivamente. E então os indivíduos numa determinada sociedade passam a ser “sujeitos absolutamente únicos, com trajetórias pessoais, singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas” (Oliveira,1992, p.80). A ser assim, o sistema simbólico se converte no veículo que fornece a consciência ou a psique dos indivíduos os conceitos e as formas de organização do real, essenciais nos processos de interação entre os sujeitos, através da linguagem que veículo indispensável na comunicação humana. Pois é

pela linguagem que um sujeito age sobre o outro, não apenas lhe comunicando mensagens, nem exteriorizando seu pensamento, mas de alguma forma mudando o outro com a ação da sua linguagem, sendo ao mesmo tempo transformado pela ação da linguagem do outro. E, então, a linguagem edita as pautas da produção humana. E como tal, não está dada e acabada, mas é construída historicamente nas e pelas relações sociais. A enunciação configura-se como o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, um fenômeno ideológico, e o que é ideológico não pode ser explicado senão pelo social.

Para Bakhtin (1990), “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali ande o signo se encontra, encontra-se também o ideológico [...] com um valor semiótico” (p.32). Portanto, alude-se que o sistema de signos se constitui a partir de uma realidade social e que os signos se manifestam no processo de interação entre uma e outra consciência individual. Nesse sentido, para Bakhtin, a consciência passa a ser de natureza social uma vez que “adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (1990, p.35). Deste modo o sujeito se constitui ouvindo e assimilando as falas da mãe, do pai, dos colegas, da comunidade próxima e da sociedade. As palavras e o discurso do outro são processados por cada sujeito no decorrer de sua vida de modo que, ao mesmo tempo que passam a ser do sujeito, continuam sendo, também, do outro.

Para Rousseau (1978) a subjetividade (identidade) do sujeito, pode ser concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social pela imaginação que permite que os indivíduos transportem para fora de si mesmo e se identifiquem com os outros e com o mundo exterior a si. E este que só existe pela atividade humana, exercida por meio de comparações da pluralidade de ideias: “Quem vê somente um pequeno número de objetos e, desde a infância, sempre os mesmos, também não os compara, porque o hábito de vê-los impede a atenção necessária para examiná-los” (Rousseau, 1978, p.175). A subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem e passam a ser explicada a partir do social, pelas mediações comunicacionais que se estabelecem via linguagem presente em todas as culturas e tempos da história da humanidade. Já para Suassuna (1995) a linguagem constitui-se como produto das necessidades de intercâmbio na convivência social, dentro do processo histórico de cada sociedade. Para o efeito, é necessário considerar e reconhecer os aspectos político-ideológicos das relações entre linguagem e classe social, uma vez que “as relações de comunicação linguística têm a ver com as relações de forças simbólicas estabelecidas na dinâmica social” (1995, p.95). Assim, por sua natureza, a linguagem é mediação para a internalização da

objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. Pelo uso da linguagem o mundo psicológico (individual) converte-se num mundo em relação dialética com o mundo social (coletivo). A ser assim, pelo domínio dos signos linguísticos cria-se a possibilidade de mergulhar no mundo psicológico. O que significará conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual e vice-versa; de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo. Conhecê-lo desta forma significa retirá-lo de um campo abstrato e idealista e dar a ele uma base material vigorosa através dos signos e da linguagem.

Numa síntese dos estudos ligados à importância da língua nos processos interacionais comunicativos entre os sujeitos entre si e destes com os objetos e presentes nas obras de Bakhtin e Vygotsky, Cardoso (2000) resume em seis grandes pilares. São eles:

O papel ativo do sujeito, ou seja, a ênfase é colocada sobre o fato de que os sujeitos constroem ativamente saberes e habilidades [...]; a relação entre a construção dos saberes e os fenômenos sócio-histórico-ideológicos, ou seja, os sujeitos constroem seus conhecimentos, em contextos historicamente determinados, sobre a base de suas representações e de seus saberes anteriores [...]; a relação Sujeito-Outro-Objeto, no processo de construção do conhecimento pelo sujeito concreto (psicogênese), complementada pela dimensão das relações sociais (sociogênese), ou seja, os sujeitos constroem os saberes no quadro das interações sociais [...]; a não linearidade na construção do conhecimento, ou seja, os sujeitos constroem seus saberes num jogo constante de conflitos, de desestruturações-reestruturações de seus quadros de conhecimentos [...]; como consequência dos aspectos anteriores, releva-se o papel da linguagem e do outro em um novo estatuto, como constitutivos do sujeito e da produção de sentido (e não como simples veículo de comunicação-linguagem e espectador-outro); ainda como consequência, aparece o papel do erro em um novo estatuto, como marca da atividade do sujeito (e não como ausência de atividade, faltas ou deficiências) e abertura a intervenções didáticas específicas [...] (e não como forma de sanções a aplicar ao aluno) (p. 33-35).

Portanto é pelo domínio dos signos linguísticos que no processo comunicacional os sujeitos interagem ativamente uns aos outros convertendo os meios de comunicação num espaço social na medida em que estabelece uma circulação os conteúdos das suas subjetividades. Segundo Bourdieu (1998) este espaço social é como “um campo de forças onde ocorre um conjunto de relações de forças objetivas, impostas a todos os que entram nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo interações diretas entre os agentes” (p.134). Sob pressão imposta pelo campo de forças aos processos tradicionais da comunicação (emissores/receptores), insurge-se um novo modelo comunicação baseada na bilateralidade e nas condições de igualdade de condições e funções estabelecidas entre os interlocutores envolvidos,

enfim na mútua afetação (Mead, 1962) que na miragem da midiatização inquirir a presença de sujeitos interagentes. Segundo Lima e Basto (2012) O contributo deste autor está na configuração de um modelo de paradigma relacional no processo da comunicação entre os comunicadores:

Sob a luz do modelo relacional, em que a comunicação é considerada essencial à experiência humana em sociedade, ou seja, à constituição de um mundo comum por meio da ação, compreendemos que o processo comunicativo é mais amplo e pressupõe circularidade. Nesse processo, tanto emissor quando receptor são sujeitos que se afetam e se ajustam reciprocamente na interação, ou seja, estão em ação e agem tendo como referencial a ação do outro (Lima; Basto, 2012).

Sob angulações globais e dinâmicas, este paradigma articula-se sob três dimensões: relacional, simbólica e contextual. E o processo da comunicação passa a ser visto como elemento constituidor do mundo comum e compartilhado, que possibilita aos sujeitos a construção de suas subjetividades, a organização e trocas de suas experiências no mundo. Ou seja, diz-se aqui respeito aos sujeitos emersos na sociedade em midiatização. Onde a comunicação “deixa de pertencer à esfera do conhecimento e se insere na esfera da ação, da intervenção e da experiência humana em sua dimensão social e simbólica” (Quere, 1991, p.4) que expressa a sua singularidade na coletividade. Paraphraseando Paulo Freire em sua obra a Pedagogia da Autonomia (1996), constitui-se ipso facto, o sujeito dialógico que não apenas fala para o outro, mas com o outro e o conhecimento passa a ser constituído na coletividade. Esse modelo aponta para o “paradigma relacional da comunicação como um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre os sujeitos interlocutores, marcado pela situação de interação e pelo contexto sócio-histórico” (França 2016). Portanto, trata-se aqui de acentuar o papel central da comunicação ao pensar as interseções e a dinâmicas constitutivas dos indivíduos e na sociedade angolana em vias de midiatização. Seguindo a lógica do paradigma relacional a comunicação, estaria no “entre” das relações sociais, mediada pela linguagem e a partir de uma visada situacional, de uma temporalidade recursiva e de uma circularidade. E tanto o emissor quanto o receptor, agora afetados pelos processos comunicacionais passam a ser sujeitos de ação e na interação se ajusta reciprocamente. Eles “estão em e agem tendo como referencial a ação do outro. Essa perspectiva circular pressupõe, então, que uma fonte de estímulo pode ser também de resposta, e a de resposta, também ser de estímulo” (Lima; Bastos apud França, 2012, p. 42), ou seja, desaparece o rótulo da causa e efeito na nova ambiência interacional midiática. Uma vez que, a dinâmica da comunicação no contexto das instituições midiáticas, a partir de uma perspectiva relacional

pressupõe trocas, perspectivas compartilhadas, reciprocidade entre os sujeitos, construção de um lugar comum no qual haverá uma relação reflexiva de mútuas afetações que produzem um novo bios (Sodré, 2002, p. 25). Então, se instaura um complexo e vasto campo de maiores possibilidades de ocorrência interacional das práticas sociais e de descobertas de campos diversos de conhecimento e de investigação. Desarticulam-se as lógicas de diferenciação entre produtores e receptores e se pautam novos contratos para “descrever as possibilidades de construção de novos vínculos entre produção, recepção consumo” (Fausto Neto, 2010, p. 10,) e de percepção de mundo a nossa volta. Estes vínculos encontram na circulação midiática “lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e de reconhecimento”. (Fausto Neto, 2010, p. 11). Nesse estágio, “as lógicas dos contratos são subsumidas por outras lógicas de interfaces [...] os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de deslizamentos”. (Fausto Neto, 2010, p. 12-14). Segundo este autor, por força da ambiência da midiática as novas condições impostas pela circulação afetam tanto “as lógicas de instituições produtoras”. Quanto aos “sujeitos-receptores”, mudam-se os seus estereótipos da percepção. E, com o domínio dos aparatos sócio técnicos se converte em atores sociais na ambiência midiática. A autoria dos produtos midiáticos já não mais dependem de uma única fonte, mas de vários que os reproduzem segundo as suas subjetividades e os inscrevem em outras plataformas ancorados pelas lógicas e processos de apropriação e representação social (Moscovici 2003).

3 - Tentativas de definição do conceito de adolescência: Na interface com o item, anterior pode dizer-se que abordar a problemática que envolve o conceito de adolescência e sua identidade no âmbito das representações sociais, possibilita o autor repensar “nos lugares psíquicos” (Freud, 1921c, p. 67) dos sujeitos e nos fluxos ou vínculos conscientes e inconscientes, que envolvem aspectos psico-sócio-histórico-culturais. Nas sociedades pós-modernas estes aspetos estão afetados pelos contratos e lógicas das gramáticas midiáticas (Fausto Neto 2007) a tal ponto que, segundo Braga (2001), a percepção do sujeito nelas envolvidos não se fazem sem o enfrentamento de processos complexos interacionais que envolvem as “idas-e-vindas entre os diversos campos de uma sociedade” (Braga, 2001, p. 28). Estes campos na conceituação de Bourdieu (1998) designam o espaço de relações, de disputa e jogo de poder entre grupos com distintos posicionamentos sociais regidos por regras próprias que só numa leitura interdisciplinar se pode perceber as suas nuances e lógicas. Fausto Neto (2000) voltando-se para o dinamismo dos processos da recepção discursiva e enunciativa dos conteúdos comunicacionais, aponta o conceito

interdisciplinar como elemento participativo, ativo, o qual projeta no texto – verbal ou não verbal – suas expectativas de significado a partir de seus referenciais de sentido, interpretando a mensagem de acordo com suas experiências culturais:

Em termos contemporâneos, estudos interdisciplinares voltados para a questão dos rituais comunicativos de natureza midiática, procuram mostrar que: a) o processo da comunicação se constitui numa atividade relacional, compreendendo atores em posições distintas, mas que são sujeitos discursivos cada um à sua maneira; b) ambos componentes realizam, à sua maneira, e por conta das mediações que travam com outras regiões discursivas, os processos de leitura, daí construindo sentidos segundo regimes próprios de significação; c) o processo da comunicação é uma pragmática posta em funcionamento por jogos linguajeiros, através dos quais vão sendo tecidos e instituídos vínculos de interação entre seus componentes; d) o processo de instituição de vínculos passa por várias negociações nem sempre tecidas a olho nu, pois no mais das vezes, se efetivam através de “estratégias silenciosas”, portanto não captáveis; e) numa estratégia de comunicação deve-se examinar como a oferta se efetiva e funciona, e quais são os mecanismos operados pela recepção para se apropriar e, conseqüentemente, construir a legitimidade dos discursos sociais que lhe são endereçados (Fausto Neto, 2000, p. 14).

É nesta ordem, enunciativa e sobretudo interdisciplinar que se pretende conceituar a adolescência o âmbito da circulação midiática, uma vez que as concepções do conceito adolescente, podem variar, conforme a posição ativa e passiva (Freud (1915c, p. 122-123) e as organizações psíquicas das percepções dos sujeitos operacionalizadores dos discursos e de suas representações perante os “conteúdos e seu lugar posicional” (Maldavsky, 1977, p. 34-7) no campo comunicacional. Para tanto, partilhamos o parecer de Furtado (2001), para quem estas organizações psíquicas e suas representações formam a matéria prima para constituição da subjetividade que ocorre graças a:

Um processo singular que nasce na dialética entre sujeito e meio definido pelas ações e mediante as quais a história pessoal e a do meio confluem em uma nova unidade que apresenta uma configuração subjetiva (relativa ao sujeito) e objetiva (relativa as bases econômicas e sociais) concomitante.

Neste emaranhado dialético, entre o sujeito e meio, definido pela ações e contextos, o processo de investigação sobre o tema da adolescência, segundo as lógicas dos fluxos da circulação midiática, constitui-se como um abrir uma trilha cinzenta, ténues e melindrosas. E perante este labirinto cinzento “a cultura midiática se converte na referência sobre a qual se estabelece a estrutura sócio-técnica-discursiva, produzindo zonas de afetações em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (Braga 2012, p. 34). Assim, epistemologicamente trata-se de aceitar conscientemente assumir riscos de mergulhos

interacionais na subjetividade social que podem constituir uma ferramenta na construção do conceito de adolescência.

Este conceito segundo Quiroga (2007), configura-se como um “fenômeno que se apresenta incerto”, uma vez que “toda a estrutura social é sustentada por uma cultura e esta por sua vez determina aquela”. No caso de Angola, os dados do Fundo de População das Nações Unidas (INFP, 2016), apontam que as crianças e adolescência constituem a maioria da camada populacional angolana e a que mais cresce em África. E, avançando estabelece os grupos etários dos 0-14 anos e dos 15-24 anos de idade, como a representação de uma população extremamente jovem que corresponde cerca de 65% da população residente, contrapondo-a abismalmente à 2% da população de idosos que tem 65 ou mais anos. O UNFPA, reconhece que Angola tal como em alguns países da África Subsaariana tem um grande reservatório de talento jovem com oportunidade de renovar o capital social económico e vai continuar a desfrutar, deste bônus nos próximos 15-20 anos. Porém, cada país, cultura ou sociedade pode impor “os ritos e as regras sobre quando começa e termina a adolescência” (p. 25). Nesta pesquisa queremos abordar dois aspectos destacados por Quiroga (2007) nomeadamente: a cronológico esquematizado em: “Adolescência temprana” (8 aos 15); “a adolescência média” (15 aos 18) e a “adolescência tardia” (18 aos 28), anos respectivamente (p. 20). Importa aqui falarmos da “adolescência média” por marcar a estabilização do processo de crescimento e permitir ao adolescente sair de casa em busca do outro, mediante um processo de deslocamento de investidas libidinais do corpo em direção ao objeto; b) aspecto antropológico, sobretudo na estrutura social a adolescência diz respeito a um tempo histórico e a um espaço geográfico. A partir do conceito de moratória Erickson (1976) institucionalizou a adolescência e a caracterizou como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcavam como “um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (Erickson, 1976, p.128).

Por sua vez Aberastury e Knobel (1989) introduziram a noção de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada por uma sintomatologia não patológica. Segundo ela o período da adolescência inclui 10 estágios: “1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências

anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo” (Knobel, 1989, p.28). Dessa forma, a adolescência é aqui entendida como uma construção social que repercute na subjetividade e no desenvolvimento do homem (Bock, 2004). Por seu turno Levinsky (1995) conceitua a adolescência como sendo uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que a criança gradualmente passa para a vida adulta de acordo com as condições ambientais e de história pessoal. Levinsky entende a adolescência como de natureza psicossocial, no entanto, ao debater o surgimento da fase, vincula-a à puberdade e ao desenvolvimento cognitivo. Para o autor, a adolescência é caracterizada pelo modo como a sociedade a representa e a cultura aparece como reflexo dos aspectos corporais e psicológicos e os modos de reprodução da vida como constitutivos da adolescência.

4 – A guisa de conclusão: Pelo visto até agora pode-se se chegar a conclusão de que a construção e a formação do conceito de sujeito (adolescente), talvez possa ser entendido como um período processual de transição entre a infância e a fase adulta e que dependa das representações sociais e das circunstâncias psíco-socio-histórico e culturais. Este conceito de adolescência pode emergir da interação entre o eu do sujeito e os fatos sociais que vão surgindo “nas relações sociais e na vida material dos homens. A adolescência passa, então, a ser “construída como fato social e como significado, torna-se uma possibilidade para os jovens (e não-jovens), uma forma de identidade social (Bock 2004, p. 40). E para tal, enquanto sujeito também o adolescente é convidado a participar dinamicamente da construção de um projeto seu, o seu projeto de vida psíco-sócio-histórico e cultural. Neste processo, a identidade, a sexualidade, os pais, o grupo de amigos, a escola, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis sociais tornam-se importantes nas relações do adolescente com outro, com o seu mundo na sociedade. E na medida em que o outro atribui significados a determinada condição do desenvolvimento, o sujeito vai se apropriando e reelaborando tais significações para a constituição da sua identidade (Santos; Aléssio; Albuquerque, 2007). Além disso, na hora em que se esperam determinadas características, condutas e formas de expressão dos grupos, os sujeitos captam os seus sentidos e os internalizam, os resignificam e podem agir de forma relacionada, via representação social compartilhamentos dentro dos fluxos circulatórios ou simplesmente nas ambiências das sociedades em midiatização.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A.; Knobel, M. (1989). *La adolescencia normal*. Buenos Aires: Paidós.
- Bakhtin, M. (1990) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5. Ed. So Paulo: Hucitec.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica a naturalização da formação do ser humano. A adolescência em questão. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101326220040001000_03. Data de acesso 22 de Julho de 2016.
- Bourdieu, P. (1998) *O poder simbólico*, Trad. Fernando Tomaz. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Braga, J.L. (2012) Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, M.A., Janotti Junior, J., and Jacks, N., orgs. *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 328p. ISBN 978-85-232-1205-6. Disponível em <http://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Data de acesso 30 de Agosto de 2017.
- _____. (2001) In: Fausto Neto et alli. (org.) *Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. Joao Pessoa: Editora Universitária, p.28.
- Cardoso, C. J. (2000) *A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Castanha, A. R. et al. (2007) Avaliação da qualidade de vida em soropositivos para o HIV. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 23-31.
- Erikson, E. H. (1976) *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Fausto Neto, A. (2000) *Televisão e Políticas Públicas: Estudo de Avaliação Sobre as Condições da Recepção da Tv Escola*, p. 14.
- _____. (2008) Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. n. 2. Abril, *Revista Matrizes*. Porto Alegre.
- _____. (2010) As bordas da circulação. *Revista ALCEU*, v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun.
- Freud, Sigmund. (1915c) “Pulsiones y destinos de pulsión”. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.
- _____. (1921c) “Psicología de las massas y análisis del yo”. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVIII.

- Furtado, O. (2001). O psiquismo e a subjetividade social. In A. M. B. Bock, O. Furtado & M. G. Marchina. *Psicologia Sócio-Histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia* (pp. 75-93). São Paulo: Cortez.
- Gomes, Pedro Gilberto. (2006) *A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos.
- Fança, V. (2016) O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C.; LOPES, M. *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas* (org.). Porto Alegre : EDIPUCRS.
- Freire, P. (1987) *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Leontief, A. (1979). *O Desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizontes Universitários.
- Lima, F; Bastos, F. (2012) Reflexões sobre o objeto da comunicação no contexto organizacional. In: OLIVEIRA, I.; LIMA, F. *Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editorial; Rio de Janeiro, Editora Senac Rio.
- Jodelet, D. (1985) La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: Moscovici, S. (Org.). *Psicologia Social*. Barcelona: Paidós, p. 469-494.
- _____ (2001). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. 24, (3), 679-712. Brasil: Sociedade e Estado. Recuperado em 14 de Abril de 2016 de <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>.
- Levinsky, D. L. (1984) A mídia: interferências no aparelho psíquico. In: Levinsky, D.L. (Org.). *Adolescência: pelos caminhos da violência – a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p.145-59.
- Lima, F; Bastos, F. (2012) Reflexões sobre o objeto da comunicação no contexto organizacional. In: Oliveira, I.; Lima, F. *Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editorial; Rio de Janeiro, Editora Senac.
- Luhmann, N. (2005) *A Realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Maldavisky, David. (1977) *Teoría de las representaciones*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión.
- _____. (1986) *Estructuras narcisistas: constitucion y trasformaciones*. Buenos Aires, Amorrortu editores.
- _____. (1997) *Anorexia na infância*”. *Metapsicologia e clínica: uma contribuição ao estudo das dependências precoces*. Em *Neurose Infantil versus Neurose da Criança*. Bernardinho, E.M. (Org.) Salvador. Bahia: Àgalma.

- Martín-Barbero, J. (1997) *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Mata, M. C. (1999) *De la cultura masiva a la cultura mediática*. In: *Diálogos de la Comunicación*, n.56, Lima: Felafacs.
- Mead, G.H. (1962) *Mind, Self and Society. From the standpoint of a social behaviorist* (Chicago: University of Chicago Press).
- Moscovici, S. (2003) *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, M. K. de. (1992) *O problema da afetividade em Vygotsky*. In: *La Taille, I. de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Pino, A. (1991) *O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano*. *Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa*, Campinas, n. 24, p. 32-43.
- Quere, L. (1991) “D’un modele épistemologique de la communication à un modele praxeologique”. *Réseaux*, Paris, n. 46/47, mar/abr.
- Quiroga, S. E. (2007), *Adolescencia: Del goce orgánico al hallazgo de objeto*. 4a. ed. Buenos Aires, Argentina, Eudeba.
- Rodrigues, A. D. (2000) *Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência*. Universidade Nova de Lisboa. Recuperado de 28/06/2017 de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-globalizacao-experiencia.pdf>.
- Rosa, A. P. da; Ferreira, J. (2011) *Midiatização e poder: a construção das imagens na circulação intermediária*. In: *Temer, A. C. R. P. (org). Mídia, Cidadania & Poder*. (p. 19-38), Goiania: FACOMB/FUNAPE.
- Rousseau, J. J. (1978) *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. Lourdes Santos Machado. In: *Os Pensadores*. 2. Ed. São Paulo. Abril Cultural. pp. 147-99.
- Silva, H. (2016) *Jornal de Angola é pioneiro a inovar*. Quinta, 26 Jun. Recuperado em 05/12/16 de http://m.ja.sapo.ao/inicio/entrevista/jornal_de_angola_e_pioneiro_a_inovar.
- Sodré, M. (2002) *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Spink, M.J.P. (1993) *O conceito de representação social na abordagem psicossocial*. *Cad. Saúde Pública* vol.9 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. Recuperado em 7 de Julho de 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017



Suassuna, L. (1995) Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática. 1. ed. Campinas: Papirus.

Touranine, A. (1994) A crise da modernidade. Petrópolis: Vozes.

UNFPA, (2016) Fundo de População das Nações Unidas. Recuperado em 30 de Novembro de 2016 de <http://angola.unfpa.org/pt/topics/jovens-e-adolescentes>.

Vygotsky, L. S. (1983) Obras escogidas III. Moscou: Editorial Pedagógica.

_____. (1994) A formação social da mente. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte.